

ENTRE O MOVIMENTO DE MULHERES DA/NAS TIC'S E OS FEMINISMOS: UMA ANÁLISE DO GRUPO /MNT – MULHERES NA TECNOLOGIA

BETWEEN THE WOMEN'S MOVEMENT IN ICT'S AND THE FEMINISMS: AN ANALYSIS OF THE GROUP /MNT – MULHERES NA TECNOLOGIA

Mônica de Sá Dantas Paz*

RESUMO:

O presente trabalho é uma parte de uma pesquisa maior que visa entender as ações em prol do empoderamento de mulheres participantes de uma comunidade de software livre no Brasil. Busco identificar e entender as percepções destas mulheres em relação ao movimento de mulheres, ao feminismo e às suas atuações ativistas em relação às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). São apresentados alguns resultados referentes à observação e análise do grupo “/MNT - Mulheres na Tecnologia”, que demonstram como o grupo vem desenvolvendo a sua consciência militante e feminista, buscando alterar os convencionais padrões androcêntricos da área das Tecnologias da Informação (TI).

PALAVRAS-CHAVE: gênero e tecnologia; feminismo; tecnologias da informação e da comunicação

ABSTRACT:

This work is a part of a larger research that aims to understand the different performances of women organized in groups in the sense of women's empowerment in the free software community in Brazil. This paper attempts to identify and understand the perceptions of these women in relation to the women's movement, feminism and their activist performances in relation to Information and Communication Technologies (ICTs). Therefore, we present some results concerning the observation and analysis of the movement of women in technology, represented here by the group /MNT - Mulheres

* Doutora (2015) e mestre (2010) pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PósCom/UFBA). BAHIA, Brasil. monicapazz@gmail.com

na Tecnologia, demonstrating how the group has been developing its militant and feminist consciousness, seeking to change the conventional androcentric standards in the area of Information Technology (IT).

KEYWORDS: gender and technology; feminism; information and communication technologies

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma pesquisa que visa conhecer o lugar social e ativista de um grupo de mulheres da comunidade software livre (SL) do Brasil que trabalha pelo empoderamento das mulheres nos âmbitos tecnológicos. Neste trabalho, busco identificar e entender as percepções destas mulheres em relação ao movimento de mulheres, ao feminismo e ao seu ativismo em relação às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Sendo assim, foquei as análises no grupo /MNT - Mulheres na Tecnologia, ou seja, mulheres que têm em comum uma área de estudos e atuação e que se organizam em grupo para debater gênero e tecnologias, além de fomentar a igualdade de gênero nesta área.

Esta pesquisa se dá no contexto das teorias feministas acerca da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), principalmente as que criticam o androcentrismo e o etnocentrismo desta área e que consideram como mutuamente conformadoras as relações entre gênero, tecnologia e sociedade. Portanto, o feminismo na tecnologia leva em conta não apenas as implicações de gênero na tecnologia, mas busca compreender seus efeitos em toda a cadeia de planejamento, produção, consumo e apropriação tecnológica (ALEMANY, 1999; GARCÍA, 1999; HARAWAY, 1995, 2004; HARDING, 1993; MAFFÍA, 2007; NATANSOHN & WOLFART, 2013; OLIVEIRA, 2008; PORTOLÉS, 1999; SARDENBERG, 2002; SCAVONE, 2008; SEDEÑO, 1999; WAJCMAN, 2006).

A crítica feminista à ciência aponta para a não neutralidade da ciência e da teoria social - inclusive em relação ao gênero (HARDING, 1993; MAFFÍA, 2007; OLIVEIRA, 2008; PORTOLÉS, 1999; SARDENBERG, 2002; SCAVONE, 2008). Esta crítica também se orientou na direção da ciência e tecnologia (C&T) ou, ainda da tecnociência (ALEMANY, 1999; GARCÍA, 1999; HARAWAY, 2004; SEDEÑO, 1999; VERGÉS, 2012; WAJCMAN, 2006). Dentre os estudos de gênero e tecnologia digital, há quem se dedicou a analisar o uso, o desenvolvimento e o planejamento político e estratégico das tecnologias digitais

com perspectiva de gênero (CASTAÑO, 2008; HARAWAY, 2004; NATANSOHN, 2014; PLOU, 2005; SELAIMEN, 2013; WAJCMAN, 2006).

O termo tecnociência representa a relação entre os domínios da ciência e da tecnologia como uma fusão de categorias, evitando assim contrapor de forma binária a ciência e a política, a ciência e a sociedade, ou a ciência e a cultura (HARAWAY, 2004). A tecnociência feminista questiona os processos científicos e tecnológicos hegemônicos, ao passo que busca impulsionar o avanço e a inovação sem segregação de gênero (GARCÍA, 1999; HARAWAY, 2004; WAJCMAN, 2006).

A crítica feminista não se refere apenas ao fato da tecnologia ser planejada e desenvolvida, em sua maioria, por homens, mas também por ter nela incorporada estereótipos negativos e por ajudar a reforçá-los. Sendo assim, a associação entre masculinidade e tecnologia é constantemente reproduzida no cotidiano e a tecnologia ajuda na constituição das identidades e das relações de gênero. Dessa forma, a capacidade tecnológica dos homens se torna tanto um fim quanto um meio para sustentar a sua hegemonia na área tecnológica. Visto que a tecnologia também é um produto cultural, é importante redefinir a relação gênero-tecnologia em prol de um progresso científico-tecnológico não excludente (SEDEÑO, 1999).

As teorias feministas também consideram que é necessária uma visão da tecnologia que não seja determinista, não considerando como pressuposto que a tecnologia seja patriarcal ou libertadora, assim como o fizeram equivocadamente algumas correntes feministas³ (BAYM, 2010; WAJCMAN, 2006). Sendo assim, algumas abordagens feministas assumiram em seus argumentos o determinismo social (a sociedade conforma a tecnologia) ou o determinismo tecnológico (a tecnologia conforma a sociedade), ou, ainda, o essencialismo, que consiste em atrelar habilidades e intelectos à biologia de cada sexo (BAYM, 2010; WAJCMAN, 2006).

Em decorrência da associação de masculinidade à tecnologia, o campo das TICs também apresenta uma brecha (lacuna ou divisão) digital de gênero (CASTAÑO, 2008). Tal fenômeno não apenas se apresenta em termos de diferenças de usos, mas também no que tange a tomada de decisão e a produção destas tecnologias. É sobre esta brecha digital que se concentram as novas versões do ciberfeminismo contemporâneos (BROPHY, 2010; HACHÉ *et al.*, 2011; HAWTHORNE & KLEIN, 1999; MIGUEL & BOIX, 2013; NATANSOHN, 2014; ROCHA *et al.*, 2013; SERRANO & BIGLIA, 2011).

Do ponto de vista metodológico, baseei-me no método etnográfico enquanto uma descrição densa, reflexiva e engajada (GIDDENS, 2005; GUBER, 2001; ESTALELLA & ARDEVOL, 2007; LAKATOS & MARCONI, 2010) e em suas adaptações para a aplicação em ambientes online e físico com o suporte de tecnologias digitais (BRAGA, 2006; FRAGOSO *et al.*, 2011; HINE, 2006; KOZINETZ, 2009; MURTHY, 2008).

Dessa forma, foram analisadas as interações e os conteúdos discursivos relativos às experiências individuais e coletivas compartilhadas entre os membros do grupo /MNT. O trabalho de campo se deu em ambiente *online* e físico, de modo que a coleta de informações se deu através, principalmente, da observação participante na lista de discussão por e-mails do grupo pesquisado¹ e de questionário autoaplicável via formulário *online*², além da observação participante e não participante e das entrevistas realizadas em eventos da comunidade software livre: o 13º e o 14º Fórum Internacional de Software Livre (FISL13 e FISL14), ambos em Porto Alegre-RS; o 1º e o 2º Encontro Nacional de Mulheres na Tecnologia (I ENMNT e II ENMNT), em Goiânia-GO, organizado pelo /MNT; e o VI Congresso Internacional Software Livre e Governo Eletrônico (CONSEGI 2013), em Brasília-DF.

O grupo /MNT - Mulheres na Tecnologias foi fundado em 2009 por mulheres goianenses que percebendo a baixa participação de mulheres nos eventos de Tecnologia da Informação (TI) resolveram não apenas investigar tal situação como também incentivar mais mulheres nesta área. Apesar de ser definido como “uma organização sem fins lucrativos”, o /MNT não é uma entidade registrada ou uma pessoa jurídica. Contudo, foi criado e é gerido de forma estruturada, com a presença de um conselho gestor. A participação é aberta tanto para mulheres, quanto para homens, contudo é reservada a elas o protagonismo nas ações do grupo e também o direito a voto. As principais mídias do grupo são o seu site <<http://mulheresnatecnologia.org/>> e sua lista <mulheres-na-tecnologia@googlegroups.com> de discussão, mas ele mantém perfis nos mais diversos sites de redes sociais.

Dentre as motivações declaradas por estas mulheres para participar de grupos como o /MNT², há a vontade de se relacionar com outras mulheres que têm as mesmas experiências e área de atuação em plataformas *online*. Outra motivação é poder participar de um ambiente mais amigável e, ainda, poder tirar dúvidas e compartilhar conhecimentos e experiências sobre as TICs. Por fim, muitas mulheres buscam apoio e alianças para ajudar a incluir mais mulheres nas TICs e exercer o seu ativismo. Tal motivação

demonstram como estas mulheres estão criando consciência de suas situações nestas tecnologias em relação ao gênero, organizando-se em grupo para otimizar a sua participação nas comunidades técnicas e para fomentar o desenvolvimento social a partir de atividades voltadas para a convivência, capacitação e mercado de trabalho nas TICs.

/MNT – UM MOVIMENTOS DE MULHERES DA/NAS TIC’S FEMINISTA?

Além dos temas em gênero e tecnologia debatidos pelo /MNT, como este grupo pode ser caracterizado em termos de movimento de mulheres nas TICs e sob quais aspectos o faz de maneira que poderíamos denominá-lo de feminista? Inicialmente, apresento alguns pontos que mostram como uma consciência ativista e feminista vem amadurecendo ao longo do período da pesquisa, no qual observei e participei do grupo /MNT. Também apresento como o grupo discute sobre os feminismos de forma explícita, desenvolvendo sua consciência de gênero e contribuindo para a formação ativista de seus membros a partir de sua lista de discussão.

Um dos primeiros pontos relacionados à percepção de si e do grupo e do serem mulheres, que vale destacar é o que emerge sobre o posicionamento indivíduo *versus* sociedade para lidar com as diferenças de gênero na TI e no cotidiano. Ou seja, algumas consideram que a situação das mulheres é uma causa a ser tratada de forma individualista, mas a maioria considera que esta é uma causa coletiva. Tais abordagens são observáveis quando elas se manifestam através de depoimentos de experiências de vida, ou da análise de situações concretas (notícias, projetos, etc.).

Apesar de participar de um grupo que tem como objetivos “Promover a troca de experiências entre os membros” e “Buscar a igualdade de tratamento pelo mercado de trabalho entre homens e mulheres” (MNT, 2014), algumas participantes ainda são relutantes a utilizar a palavra “feminismo” ou ainda, com as iniciativas de desvendar lutas e causas das mulheres. Nem todas consideram que as recorrentes discriminações sofridas pelas mulheres sejam algo a ser tratado e resolvido em grupo. Não percebem quanto “o pessoal é político”.

Em uma movimentada conversa ou *thread* na lista de discussão do /MNT sobre uma pesquisa publicada pela Fundação Getúlio Vargas sobre a diferença salarial entre homens e mulheres, podemos ver esse posicionamento individualista (grifos meus):

[...] Por outro lado, é responsabilidade individual que estes preconceitos não ocorram.

Se a gente deixa o preconceito acontecer, compartilha dele, ele tende a “nos perseguir”.

Quem é responsável por aceitar salários menores que homens? São os homens? Ou são as mulheres que aceitam o salário menor?

Eu não aceitaria, por exemplo. Se tenho capacidade, tenho a habilidade e mereço este salário que O colega tem, eu simplesmente levanto meu currículo e parto para a luta.

Se o lugar tem este tipo de preconceito, ele não serve PRA MIM. Os incomodados que se mudem. [...]

Não será com “cotas” que conseguiremos mudar o quadro, e sim com muito trabalho, esforço, capacitação, especialização e acima de tudo, usar estes dados de pesquisa a nosso favor e não para causar constrangimentos e revoltas. (Liliane⁴, 2012)

Mais do que chamar a atenção para o protagonismo e empoderamento das mulheres em relação às formas que são tratadas, principalmente, pelo mercado de trabalho, esta fala coloca o problema em termos individuais. Neste sentido, esta perspectiva individualista e liberal coloca que cada mulher seria a única responsável por seu êxito ou fracasso, ignorando as condições estruturais que as condicionam e ainda, desconsiderando a necessidade de uma atuação coletiva e feminista junto às TICs.

Um texto⁵ bastante circulado na internet na qual a autora relatou diversas formas de violência e assédio que ela passa por ser mulher embasou uma rica discussão no /MNT. Enquanto algumas participantes elogiaram o texto e a atitude da autora de se expressar, outras consideraram que relatos de experiências de vida não são propriamente uma ação contra o modo como a sociedade patriarcal encara as mulheres. Em um mensagem desta conversa, uma das participantes opina que revelar as situações de preconceito e discriminação pelas quais as mulheres passam no seu cotidiano são mais que meras lamentações. Ela, que declara basear seus argumentos em trabalhos feministas, diz considerar que textos como o citado são uma forma de compartilhar experiências e alertar para tais problemas.

[...] Creio que esses textos informativos, ‘desabaços’, são mais do que lamentações. Eles servem como meio de informação, como uma forma de mostrar ao que andam de olhos tapados pra realidade o que anda acontecendo. Vivemos em uma sociedade patriarcal, no qual, querendo ou não, as pessoas acham normal as situações relatadas no texto. Em contra partida, essa mesma sociedade acha que Feminismo é lutar com os seios a mostra, não se depilar e não gostar de homens.

Em minha opinião, textos como esse devem ser compartilhados, e são extremamente úteis (e claro, [Manuela], concordo com você, nada melhor do que lutar, e não ser apenas revolucionários de sofá.). (Nanda, 2013, grifos meus)

Na sequência, outra participante corrobora esta perspectiva, pois declara que concorda que textos como o citado servem para expor um problema, fazer as pessoas se identificarem e refletirem sobre o que pertence também ao âmbito da sociedade, da mesma forma como atuam várias manifestações feministas, segundo ela.

Já na discussão citada anteriormente sobre as diferenças salariais que prejudicam as mulheres, uma integrante do /MNT lembra ao grupo sobre a importância de dar voz às mulheres e suas causas e que a falta de debate e reconhecimento do problema (baixos salários das mulheres em relação ao homens da TI) desfavorecem ainda mais a situação.

[...] Qualquer discurso que tente desmerecer nossa qualificação profissional e mascarar o preconceito em relação ao nosso sexo, ou atestar que o problema é pontual é um discurso falacioso. Em todos os lugares homens recebem mais do que mulheres[1], mesmo quando temos uma melhor qualificação profissional. Quando se trata de formação superior conseguimos ganhar 60% do que um homem com a mesma escolaridade[2].

[...] Essa forma de perpetuação da discriminação, às vezes até mesmo partindo de nós mulheres, mesmo que não seja intencional é algo extremamente danoso para nós. Por isso deveríamos ser mais solidárias e críticas, mesmo que esse problema não atinja algumas de nós, não quer dizer que ele não exista. Isso não significa que devemos ignorá-lo ou assumir uma postura passiva (“todos tem preconceito viva com isso”), pois esse tipo de atitude só agrava o problema [...]. (Carolina, 2012, grifos meus)

Estes dois últimos casos apresentam argumentos que superam a posição individualista e assumem o ativismo (coletivo), convidando ao debate e buscando a superação e a modificação da situação das mulheres frente às brechas de gênero da área das TICs.

Também pude verificar como algumas falas remetem ao debate da condição ou da “essência” do ser mulher e a relação com as TICs. Algumas entendem que certas habilidades são tipicamente masculinas ou femininas. Outras consideram que o pensamento lógico relativo à área da computação é do domínio dos homens e não das mulheres. Exemplo disto foi expressado na conversa com texto que felicita as mulheres das TI no Dia Internacional das Mulheres.

[...] Mas pense em quantas vezes você abriu a porta da sala de aula e todos acharam que você deveria ter entrado na aula errada. Lembre que a tão falada lógica de raciocínio, necessária aos bons Engenheiros de Software, é característica nata da forma de pensar

dos homens. E que nós mulheres de TI estamos ali insistindo em fazer algo que não fomos agraciadas com a habilidade natural necessária.

Então para todas as que leem esse post: meus sinceros parabéns, pois você faz algo de diferente! (Alice, 2012, grifos meus)

Por outro lado, foi difícil detectar argumentos com viés essencialista que argumentem a favor das mulheres. Já as posições que identificam as TICs como tipicamente femininas - principalmente a internet e as mídias sociais - foram objeto de crítica acadêmica (GAMBA, 2010; WAJCMAN, 2006). Em alguns casos, esta perspectiva de que as mulheres seriam naturalmente mais hábeis com as TICs, também pode ser interpretada como um mecanismo através do qual as mulheres realizam a sua autoinclusão, “fazendo gênero” (VERGÉS, 2012). Isto é relativo a evidenciar as qualidades e atributos considerados femininos pela sociedade, destacando os estereótipos e os pontos positivos das mulheres para assim buscar um lugar de destaque e legitimidade junto às tecnologias.

Por outro lado, ainda segundo Vergés (2012), o mecanismo de “desfazer gênero” é a busca por esconder, disfarçar e diminuir o peso do sexo feminino na atuação na área das TICs. Com estas estratégias, algumas mulheres buscam evitar possíveis discriminações contra elas. Uma prática comum no ciberespaço é evitar usar nomes (*nicks* ou *usernames*) que denotem serem de mulheres. Há também quem se posicione de forma mais passiva e intermediária entre as posições socialmente consideradas extremas em termos de feminilidade e de masculinidade, ou, ainda, que tentem não “parecer feminista”. É o que podemos ver nesta mensagem já apresentada anteriormente, na qual a integrante da lista do /MNT discorda da tendência do mercado em remunerar menos as mulheres:

[...] Que somos minoria na área, sem dúvidas! Vemos isso todos os dias desde a época das salas de aula.

Mas, na minha humilde opinião, o mercado tem preconceito com quem é acomodado, seja homem ou mulher. [...] (Marília, 2012, grifos meus)

Em outras mensagens e debates, percebi que o problema da falta de mulheres na tecnologia da informação é, em parte, considerado como a falta de capacitação e promoção das habilidades das mulheres frente a tais tecnologias. Considerar que a brecha digital de gênero é um problema apenas das mulheres e que este pode ser resolvido basicamente através de esforços individuais e de capacitação das mulheres segue uma

perspectiva liberal (SARDENBERG, 2002; WAJCMAN, 2006) que, embora seja recorrente, precisa de uma abordagem mais crítica. Esta consideração de que a brecha de gênero nas tecnologias é sobretudo um problema de educação e de falta de oportunidades para as mulheres também é imprecisa e se associa à cultura da área da computação, que valoriza o conhecimento técnico, a produção e até mesmo o autodidatismo.

Eu não consigo entender esta dificuldade.

Se sabem o salário “masculino”, porque não negociar com base neles, se tem as mesmas capacidades e habilidades solicitadas para o cargo?

Eu nunca consegui ver esta diferença na área que eu atuo, até porque acredito firmemente que cada pessoa negocia o que quer ganhar, e estou no mercado para ganhar o quanto eu quero ganhar[...].

O que precisamos é mudar este quadro, fazendo o que temos que fazer: negociando o quanto queremos ganhar, e nos especializando para ter o salário que queremos [...].

Minha opção portanto, sempre foi me promover no mercado, ganho habilidades, me especializo e me lanço.

No meu caso, sempre deu certo... (E não querendo provocar flames, ganho mais que muitos homens da área.) (Liliane, 2012, grifos meus)

A mesma argumentação de que a capacitação é a forma mais eficiente de autoinclusão e solução para as discriminações pelas quais as mulheres na TI sofrem pode ser vista na já citada conversa iniciada com a apresentação de uma integrante novata, que se declarou pesquisadora e pedia a opinião das colegas sobre uma charge com representação machista da mulher na área da informática.

[...] A única maneira éh a mulherada estudando muito e mostrando seu valor e capacidade - aí não terá motivo pra alguém querer discriminar [sic].

Minha maneira contra discriminação éh estudar muito, conseqüentemente quero ver um homem dizer que não sou apta ou capaz. (Kessia, 2012, grifos meus)

A questão das mulheres nas TICs, não é um problema das mulheres mas sim um reflexo de como as TICs são planejadas e desenvolvidas segundo uma lógica segregadora. É necessária uma crítica feminista à tecnociência, levando-se em conta as diversas formas pelas quais o gênero está implicado nas tecnologias digitais, através da linguagem, das metáforas discriminantes, das ideologias masculinizantes associadas às tecnologias ao

longo do processo de projeto, produção e consumo e das práticas sociais que acarretam na exclusão das mulheres.

Também cabe aqui a reflexão sobre os grupos de mulheres e a sua não homogeneidade decorrente das diferenças de características, de experiências e conhecimentos. Como fazer uma política de coalizão (HARAWAY, 1995, 2004) entre todas, considerando a diversidade de perfis, experiências e desejos quando se buscam soluções para a brecha digital de gênero? (WAJCMAN, 2006).

A capacitação e aumento das habilidades das mulheres nas TICs parecem ser apenas algumas das formas de empoderamento que pode ser fomentado com o intuito de minimizar a brecha digital na área das TICs. Contudo, não é a única forma. Assim como indicado por Wajcman (2006), cujos estudos revisam as teorias feministas da tecnologia e advoga por uma abordagem construtivista da relação entre sociedade e tecnologias, a atuação das mulheres deve estar presente em toda a cadeia de produção das tecnologias, modificando assim a concepção e cultura da tecnologia em si. Entretanto, as mulheres do grupo também ensaiam formas de agir de forma crítica e ativista em relação à tecnologia, uma vez que pensam não apenas no impulso à presença das mulheres e em sua maior qualificação. Elas também assumem a necessidade de se colocarem politicamente e de agirem em diferentes níveis e aspectos da produção e consumo de tecnologias digitais, como expressam em sua página “Quem Somos”: “[e]ntendemos que para trazer equidade as mulheres tem que estar envolvidas em diversas áreas de destaque o que incentiva o ingresso de novos profissionais” (MNT, 2014). Ou seja, também se percebe que, em menor medida, há um entendimento de que não apenas é necessário incrementar a quantidade de mulheres na TI, mas também melhorar a atuação destas mulheres nesta área, incluindo posições de poder e de planejamento e produção de tecnologias.

Em uma conversa sobre a organização 1º Encontro Nacional de Mulheres (I ENMNT), evento promovido pelo /MNT, uma das líderes do grupo agradece a participação de todas no encontro e anuncia uma promoção para as participantes. Como resposta, algumas integrantes aproveitam a oportunidade para parabenizar a organização do evento e, também, para incentivar a participação de um perfil particular de mulheres na TI, as desenvolvedoras, que são uma minoria dentre esta minoria.

Foi muito bacana conhecer todas pessoalmente! Estou já ansiosa pelo II Encontro! =P

Este ano aprendemos muito para, no próximo, organizarmos melhor e antecipadamente.

Esperamos em 2014 contar com a presença daquelas que não foram, vão se preparando!

Aliás, quero ver desenvolvedoras ano que vem hein! Senti falta de vocês! (Kessia, 2013).

Além de buscar entender como este movimento de mulheres atuantes na área da TIC vem discutindo, também investiguei como os feminismos vêm sendo encarados e interpretados por estas mulheres. Decerto, as posições e a noção do que é, e de como podem os feminismos atuar, é diverso entre elas. E, enquanto grupo, observamos mudanças ao longo do tempo. Percebemos esta evolução através do impacto que o tema começou causar na lista de e-mails do grupo. Inicialmente, mensagens com o tema não resultavam em nenhuma ou pouca conversação, como o que ocorreu: “Curso de formação feminista”; “Participação na Marcha Mundial de Mulheres no Programa Brasil sem Miséria”, em 2012; “SPM [Secretaria de Política para as Mulheres] abre inscrições para o 3º Encontro de Núcleos e Grupos de Pesquisa”, em 2013 e “Programa de fortalecimento de lideranças e treinamento em gênero”, em 2014, que apenas despertou o interesse em umas das líderes de divulgação pelo grupo.

Dessa forma, percebo que os feminismos passaram a ser um tema mais convidativo ao debate, inclusive surgindo de forma transversal em outras conversas, devido à ação e incentivo ao debate por parte de algumas das líderes e das participantes feministas.

Nos encontros do /MNT, o feminismo se tornou pauta ora de forma planejada, ora de forma espontânea. O evento do grupo, o I ENMNT, foi aberto com a palestra “A importância de grupos feministas”, ministrada por Denise Carvalho, que tem histórico na militância feminista e, na ocasião, era gestora da Secretaria Estadual de Políticas para Mulheres e Promoção da Igualdade Racial - SEMIRA de Goiás. A palestrante apresentou a sua experiência de ser mulher em uma faculdade na área da engenharia civil e também como representante política no parlamento. Lembrou como as mulheres adentram tardiamente no mercado de trabalho, e como isto foi acompanhado da desvalorização salarial delas. Argumentou sobre o feminismo como meio de subverter tais relações de poder para a promoção da igualdade de gênero no mercado de trabalho em geral, não apenas na TI.

No FISL14, durante a palestra “Onde você guarda o seu machismo?”, ministrada por Danielle Oliveira, uma das líderes do /MNT, ela explica sobre algumas dúvidas comuns que levam ao desentendimento sobre feminismo e machismo:

[...] Na verdade o feminismo está aí para contrapor o machismo. [...] Então é só para entender um pouco disso, por que as pessoas as vezes falam como se o feminismo fosse o inverso no sentido de que a gente quer dominar os homens e não é essa ideia. A ideia do feminismo é lutar por direito iguais, preservando esta equidade, essa diferença entre homem e mulher. A ideia do machismo, aí sim, quando a pessoa fala que o machista, isto está no dicionário, é a ideologia do homem dominar a mulher. Quando eu falo que eu estou sendo feminista não quer dizer que eu quero acabar com todos os homens ou que eu quero dominar os homens. Então se a pergunta da pessoa era se, se ela queria saber se isso aqui realmente levanta o feminismo? Eu acho que sim, porque eu acho que ajuda as mulheres a pensar o seu direito em relação aos homens. [...] (Danielle, 2013, informação verbal).

Já na conversa sobre feminismo na lista de discussão do grupo, iniciada por uma das conselheiras, essa indica o feminismo como uma das bandeiras do grupo, relacionando-o com a luta pela igualdade de gênero e contra o machismo:

Meninas e meninos no grupo, creio que saibam que o grupo MNT é feminista, ou seja, deseja a equidade de gênero.

Se você ficou revoltado(a) com esta “revelação” (rs) leia o texto abaixo: <http://papodehmem.com.br/feminismo/> (Fernanda, 2013)

Concordo plenamente com o e-mail da [Fernanda]. Somos feministas. Cada dia de nossa vida é um dia de luta pela igualdade de gêneros.

E se você acha acredita no estereótipo de que feministas são “lésbicas brigonas que acham que as mulheres são melhores do que os homens”, a leitura do post do blog papo de homem é realmente recomendada.

Agora, se você vestiu a camisa da causa, indico o blog das subvertidas. Gosto muito das publicações:

<http://subvertidas.blogspot.com.br/>

=) (Lígia, 2013).

Ainda nesta mesma *thread*, uma das mensagens traz o cenário da tecnologia da informação para dentro do debate feminista, apresentando as dificuldades que tais mulheres enfrentam em relação à falta de igualdade de gênero e machismo:

O post é muito bom mesmo. O que eu fico extremamente revoltada é ao ver os comentários! Quando eu acho que posso ter esperança, perco-a novamente.

Como trabalho na área de tecnologia um dos maiores choques nas pessoas é quando digo que sou implementadora, que programo. Isso é surreal para muitos.

Muito triste ainda pensar que já temos essa igualdade e o que queremos mesmo é privilégios. (Naiana, 2013)

Em outra *thread*, uma integrante do /MNT apresenta o que seria uma crítica construtiva de um homem que segue o grupo e que sugere que as participantes falem mais sobre assunto técnicos e menos sobre gênero e feminismo, considerando-os “bandeira de mininhas da TI q falam de preconceitos e mimimims [sic] e vao [sic] na verdade vender botons, camisetas e etc...”, o que lhe parece ser uma atuação menos valorada dentro da comunidade de TI. Enquanto algumas mulheres concordaram com a crítica, uma das líderes do grupo, apoiada por algumas colegas, apresenta o que posso considerar a principal abordagem feminista do grupo em relação às tecnologias. Após o seguinte trecho da sua fala, ela cita três meios pelos quais o grupo vem atuando: conscientização da sociedade, empoderamento das mulheres que já estão na área e projetos para captação de mais mulheres para as TICs.

[...] Inicialmente quero dizer que somos mulheres na TI que lutamos por mais mulheres de TI. A pergunta que fica é “como” fazer para ter mais mulheres na área? Palestrar sobre coisas técnicas é sim uma forma de mostrar o trabalho de mulheres e apoiamos fortemente. Dá visibilidade a quem mudou a lógica da roda e inspira as demais. Porém não muda a visão nossa e da sociedade sobre o problema e acaba contribuindo pouco no aumento efetivo de mais mulheres de TI.

Somos sim um grupo feminista mas não podemos confundir feminismo com femismo. Não queremos ser superiores a homens queremos a ampliação das mulheres e seus direitos com equidade. (“feminismo”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa - Sistema dos que preconizam a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher ou a igualdade dos direitos dela aos do homem.) [...] (Luana, 2013).

Até certo ponto, estas falas alertam para o caráter feminista do grupo, bem como a necessidade de um posicionamento coletivo e militante em prol da causa das mulheres na TI. O uso das TICs como forma de empoderar mulheres, inclusive na própria área da TI é uma das formas de ação do grupo. Utilizar-se de mídias sociais para difundir e debater questões relativas às mulheres, principalmente com relação à TI, é uma das abordagens mais exploradas pelo /MNT. Desta forma, esta abordagem pode ser considerada como

um ativismo feminista nas TICs, o que algumas autoras chamam de ciberfeminismo, renovando os sentidos empregados ao termo, diferentes do utilizado na sua origem na década de 90. Lembrando que estas novas expressões do ciberfeminismo são mais críticas, construtivistas e contingentes ao analisar as ações feministas nas e pelas TICs.

No que se refere à atuação política feminista, observei indícios de que o /MNT mantém contato com secretarias de políticas para as mulheres e igualdade de gênero. Contudo, a atuação política junto à representações políticas com sensibilidade de gênero, seja para o empoderamento das mulheres, seja para o combate à violência contra elas, não é uma linha de ação muito em evidência no grupo. Seja pelas dificuldades de manter a união em um ativismo ligado a um tema tão geral (TI), seja pelo entendimento e interesse em questões mais pragmáticas, o grupo parece se interessar mais por ações e articulações com outros grupos e iniciativas em gênero e TIC provindas das organizações não governamentais, grupos de pesquisa e, principalmente, de outros coletivos de mulheres.

Contudo, o aumento de conteúdos e de articulações com feministas vem transformando o grupo, que tem potencial para promover ações cada vez mais ativistas, não apenas comunitárias, mas cívicas no sentido de pressionar os poderes em prol da igualdade de gênero, sobretudo, no que se refere às tecnologias da informação e comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda a pesquisa pude perceber o aumento e amadurecimento dos debates relacionados à atuação feminista destas mulheres. Tais debates também apontam para a autoconscientização das mulheres em relação à sua situação na sociedade, às desigualdades e discriminações de gênero (VENUGOPAL, 2005). Obviamente, esta atuação feminista não é levada à frente por todas as participantes do grupo. Porém a atuação de algumas líderes vêm modificando o posicionamento do grupo e a concepção que muitas têm em relação ao movimento de mulheres nas TICs.

Contudo, os debates se centram mais nos relatos e testemunhos relativos às dificuldades enfrentadas pelas mulheres, ou seja, questões de acesso e de habilidades que são problemáticas mais básicas relativas à falta de mulheres na tecnologia. Em menor volume, observei debates que vão além das questões de acesso e habilidade, tais como a maioritária presença de homens em relação a mulheres; a reprodução de estereótipos negativos que desvalorizam a participação de mulheres nas TICs, como no caso

das “musas”; a atribuição do pensamento lógico da computação como característica inerente aos homens; a divisão sexual do trabalho na TI; a associação do ambiente das TICs ao modo de vida dos homens; a consideração de projetos pró equidade de gênero como discriminatórios e contrários ao mérito do indivíduo, dentre outros.

Os debates do grupo também explicitam a necessidade da diversificação da atuação das mulheres nas TICs durante o projeto, o desenvolvimento e o consumo tecnológico (ALEMANY, 1999; CASTAÑO, 2008; GARCÍA, 1999; HARAWAY, 2004; HUYER, 2006; NARASIAH, 2004; PLOU, 2005; SEDEÑO, 1999; WAJCMAN, 2006). Entre estes dois casos, o segundo é o mais abordado dentro do grupo, principalmente, no que se trata da presença de mulheres nas posições de tomada de decisão e na produção tecnológica (desenvolvedoras de *software*, por exemplo), promovendo a mudança não apenas no grupo das mulheres, mas na forma como toda a sociedade se relaciona com as tecnologias digitais e com a agência das mulheres nesta área.

Frente a isso, considero que estas mulheres estão formando uma concepção da dimensão relacional do gênero (SARDENBERG, 2002; SCOTT, 2001, 1990; NICHOLSON, 2000). Elas estão trazendo homens para o debate, mesmo que isto também possa ser uma estratégia para evitar confrontos e críticas. Estão problematizando cada vez mais os aspectos sociais e políticos da tecnologia, além do incentivo ao empreendedorismo feminino nas TICs. E, principalmente, o grupo está entendendo que as mulheres na tecnologia estão em meio a relações de poder. Por isso, prezam pelo ativismo em termos de empoderamento das mulheres.

Como indicado pelos estudos feministas da tecnologia, há a necessidade de mais mulheres atuando nos mais diversos ramos e estágios da C&T. Apenas dessa forma, considero que possa haver um *hacking* de seus padrões hegemônicos e androcêntricos em favor das mulheres nesta área. Neste sentido, grupos como o /MNT e suas líderes são protagonistas na militância feminista nas comunidades de TI.

REFERÊNCIAS

ALEMANY, C. M. Tecnología y género: la reinterpretación de la tecnología desde la teoría feminista. In: BARRAL, M. J. et al. (eds). *Interacciones ciencia y género: discursos y prácticas científicas de mujeres*. Barcelona: Icaria, 1999. BAYM, Nancy K. *Personal connections in the digital age*. Cambridge, UK: Polity, 2010. Print.

BRAGA, Adriana. *Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica*. UNIrevista, v.1, n.3, jul. 2006.

BROPHY, J. E. *Developing a corporeal cyberfeminism: beyond cyberutopia*. In: *New Media & Society*, v.12, n.6, p. 929-945, 2010.

CASTAÑO, C. *La segunda brecha digital*. Madri: Cátedra, 2008.

CHOUHURY, N. The question of empowerment: women's perspective on their internet use. In: *Gender Technology and Development*, v.13, p.341, 2009.

ESTALELLA, Adolfo; ARDEVOL, Elisenda. Ética de campo: hacia una ética situada para la investigación etnográfica de internet. *Forum: Qualitative Social Research*, v.8, n.3, art.2, Septiembre 2007.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GAMBA, S. B. Estudios de la mujer/estudios de las mujeres. In: GAMBA, S. B. (Org.). *Diccionario de estudios de género y feminismos*. [s.l.]: Biblos, 2009.

GARCÍA, M. I. G. Estudio social de la ciencia en clave feminista: género y sociología del conocimiento científico. In: BARRAL, M. J. *et al.* (Eds.). *Interacciones ciencia y género: discursos y prácticas científicas de mujeres*. Barcelona: Icaria, 1999.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Tradução: Sandra Regina. Netz. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GUBER, Rosana. *La etnografía: método, campo y reflexividad*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001. (Enciclopedia latinoamericana de sociocultura y comunicación).

HACHÉ, A.; CRUELS, E.; VERGÉS, N. *Mujeres programadoras y mujeres hackers: una aproximación des de Lela Coders*. [s.l.:s.n.], 2011.

HARAWAY, D. J. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagú*, n.5, 1995.

HARAWAY, D. J. Testigo_Modesto@Segundo_Milenio.HombreHembra_Conoce_ Oncoratón: *Feminismo y Tecnociencia*, Barcelona: UOC, 2004.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.7-32, 1993.

HINE, Christine. Virtual ethnography. In: _____. *Centre for Research into Innovation, Culture and Technology*, Brunel University, Uxbridge, Middlesex, UB8 3PH, UK, 2006.

HUYER, S. Understanding gender equality and women's empowerment in the knowledge society. In: HAFKIN, Nancy J., HUYER, Sophia (Org.). *Cinderella Or Cyberella? Empowering women in the knowledge society*. [s.l.]: Kumarian Press, 2006.

KOZINETS, Robert. *Netnography: doing ethnography research online*. [s.l.:s.n.], 2009. (cap.1 e 2.).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MAFFÍA, D. Epistemología feminista: la subversión semiótica de las mujeres en la ciencia. *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer*, v.12 n.28, Caracas, Venezuela, jun. 2007.

MIGUEL, A. de; BOIX, M. Os gêneros da rede: os ciberfeminismos. In: NATANSOHN, G. (Org.). *Internet em código feminino: teorias e práticas*. 2.ed. revista e ampliada. Buenos Aires: La Crujía, 2013, v.1.

MNT. MULHERES NA TECNOLOGIA. *Quem somos*. 2014. Disponível em <<http://mulheresnatecnologia.org/quem-somos>>. Acesso em: 19 abr. 2014.

MURTHY, Dhiraj. Digital ethnography: an examination of the use of new technologies for social research. *Sociology*, London: Sage, v. 42, n.5, p. 837-855, 2008.

NATANSOHN, L. Graciela. Por una agenda feminista para internet y las comunicaciones digitales. In: CONGRESO GÉNERO Y SOCIEDAD, VOCES, CUERPOS Y DERECHOS EM DISPUTA, 4., 24 al 26 de setiembre de 2014, Córdoba. *Anais... Córdoba*, 2014.

NATANSOHN, L. Graciela ; WOLFART, G. Tecnologia ainda é coisa de homem, mas isto está mudando. Entrevista à Graciela Natansohn. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, Sao Leopoldo, RS, 17 jun. 2013.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, v.8, n.2, 2000.

OLIVEIRA, E. M. de. O feminismo desconstruindo e reconstruindo o conhecimento. *Revista Estudos Feministas*, v.16, n.1, p.229-245, jan.-abr. 2008.

PORTOLÉS, C. M. Privilegio epistémico, verdad e relaciones de poder: Um debate sobre la epistemología del feminist standpoint. In: BARRAL, M. J. *et al.* (Eds.). *Interacciones ciencia y género: discursos y prácticas científicas de mujeres*. Barcelona: Icaria, 1999.

PLOU, D. S. E as questões de gênero na sociedade da informação? In: MARQUES DE MELO, J.; SATHLER, L. (Org.). *Direitos à comunicação na sociedade da informação*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2005.

ROCHA, B. *et al.* O ciberfeminismo desencantado. [Resenha de] NATANSOHN, G. (Org.). Internet em código feminino: teorias e práticas. 2.ed. revista e ampliada. Buenos Aires: La Crujía, 2013. **Revista Feminismos**, v.1, n.3, set.-dez. 2013.

SARDENBERG, C. M. B. Da crítica feminista à ciência: uma ciência feminista?. In: COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (Orgs.). **Feminismo, ciência e tecnologia**, Salvador: [s.n.], 2002. (Coleção Bahianas).

SCAVONE, L. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? **Revista Estudos Feministas**, v.16, n.1, p.173-186, jan.-abr. 2008.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22jul.-dez. 1990.

SCOTT, J. W. Millenium fantasies: the future of “gender” in the 21st century. In: HONEGGER, C.; ANI, C. (Org.). **Gender: die Tuchkeneiner Kategorie**. Zurich: Chronos, 2001.

SEDEÑO, E. P. Feminismo y estudios de ciencia, tecnología y sociedad: nuevos retos, nuevas soluciones. In: BARRAL, M. J. *et al.* (eds). **Interacciones ciencia y género: discursos y prácticas científicas de mujeres**. Barcelona: Içaria, 1999.

SELAIMEN, Graciela Baroni. Mulheres desenvolvedoras de tecnologias: o desafio das histórias invisíveis que moram entre zeros e uns. In: NATANSOHN, Graciela (Org.). **Internet em código feminino: teorias e práticas**. Vol. 1. 2.ed. revista e ampliada. Buenos Aires: La Crujía, 2013.

SERRANO, M. L.; BIGLIA, B. Pedagogía cyberfeminista: entre utopía y realidades. **TESI - Teoría de la Educación: Educación y Cultura en la Sociedad de la Información**, v.12, n.2, p. 149-183, 2011.

VENUGOPAL, P. Empowerment of women SWOT analysis. In: RAO, M.K. (Org.). **Empowerment of women in India**. [s.l.:s.n.], 2005.

VERGÉS, N. B. De la exclusión a la autoinclusión de las mujeres en las TIC. Motivaciones, posibilitadores y mecanismos de autoinclusión. **Athenea Digital**, v.12, n.3, p.129-150, 2012.

WAJCMAN, J. **El tecnofeminismo**. Madrid: Cátedra, 2006.

NOTAS

1. Informações coletadas de 29 set. 2011 até 20 mar. 2014, período no qual o Groups do /MNT apresentou 516 conversas ou *threads*.
2. Informações coletadas através do formulário *online* produzido com o Form do Google Drive, o que resultou em 26 respostas registradas entre 06 jul. 2013 e 27 ago. 2013.
3. Foi assim que, na década de 90, a abordagem utópica do ciberfeminismo assumiu que as tecnologias digitais possuem características supostamente femininas, pois são mais difusas, não lineares, abertas e, sendo assim,

trazem novas possibilidades e usos. Além disso, a reconfiguração espacial possibilitada pelo ciberespaço e suas experiências online, levava a impressão de uma possível superação das limitações corpóreas e a criação de novas identidades (MIGUEL & BOIX, 2013; WAJCMAN, 2006).

4. Em itálico, nomes fictícios.

5. Ver: <<http://papodehomem.com.br/como-se-sente-uma-mulher/>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

Artigo recebido: 24 de julho de 2015

Artigo aceito: 29 de julho de 2015